

N.º 1 EM TODO O MUNDO

JAMES PATTERSON

MAIS DE 300 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

NYPD Red

Servir e proteger. Ao mais alto nível.

À MARGEM DA LEI

com MARSHALL KARP



TOPSELLER

PRÓLOGO

GIDEON E DAVE

UM

31 de outubro de 2001

— Estás mesmo a falar a sério, naquela cena do Hitler? — perguntou Dave, mergulhando as calças de ganga e a camisola de Meredith no líquido inflamável.

— Cuidado com esse combustível de foguetão, ó pirómano — avisou Gideon. — Só vamos queimar as roupas dela, não é preciso incendiar a casa.

— Eu tentei detê-la — disse David, lançando o sutiã e as cuecas para o topo do monte. Atirou as peças com descontração: um adolescente a livrar-se da roupa interior da irmã. Para Dave não passavam de trapos para queimar, mas para Gideon o sutiã preto rendado e a fina tanga a condizer eram combustível para as suas fantasias dos 16 anos.

Meredith tinha 21 e andava na universidade: ruiva, olhos verdes e pele branca leitosa. No que lhe dizia respeito, Gideon era apenas um dos amigos totós do seu irmão mais novo. Não fazia ideia de quão longe a imaginação dele o levaria.

Dave deu mais algumas borrifadelas de querosene no monte de roupas.

— Tu viste — disse ele a Gideon. — Tentei ou não detê-la?

— Tentas sempre impedir que a tua irmã faça merdas estúpidas — reconheceu Gideon —, mas ela é cinco anos mais velha do que tu e cinco vezes mais teimosa. Afasta-te.

Dave afastou-se do velho grelhador enferrujado *Weber*.

— E sim — disse Gideon, riscando um fósforo. — Aquela cena do Hitler é mesmo a sério. — Atirou o fósforo para a camisola andrajosa

de Meredith e, à medida que as chamas azul-alaranjadas disparavam para o ar, permitiu-se recordar o que sucedera naquela noite...

Era a noite da festa da praia de Dia das Bruxas dos Salvi, e Dave esforçara-se ao máximo para convencer Meredith a não ir.

— Qual é o interesse? — perguntou. — As amêijoas, os *cannoli* ou apenas sair com um bando de italianada bêbeda?

— Não, David — disse ela. Era sempre assim que o chamava quando puxava dos galões. — Vou porque têm uma banda do caraças, o fogo de artifício é como o do Ano Novo chinês e porque o meu cérebro está frito depois de enterrar a cabeça num livro de macroeconomia durante quatro horas. Porque é que tu e o Gideon não vão?

— A uma festa da Máfia? — interrogou Dave. — Não. Sabes o quanto o pai odiava os Salvi.

— Toda a gente os odeia, mas, ainda assim, toda a gente vai. E o que tem, se forem da Máfia? Há cerveja à borla e podes ter a certeza de que não vão verificar se és maior. — Abriu a porta da frente. — A que horas é que a mãe sai do trabalho?

— Hoje à noite o bar vai estar a abarrotar. Nunca vai chegar a casa antes das três.

— Então eu vou chegar às 2.50. — Soprou um beijo a ambos e saiu, a rir-se.

Duas horas mais tarde regressou, com as calças de ganga e a camisola rasgadas, a cara manchada com sangue seco e o cabelo cheio de areia molhada.

— O Enzo — disse ela, debatendo-se para suster as lágrimas. — O Enzo Salvi.

— Bateu-te? — perguntou Dave.

Meredith envolveu o irmão mais novo com os braços e soluçou no peito dele.

— Pior.

— Não tomes banho — disse Gideon. — A polícia tem *kits* de violação.

— Nada de polícia — avisou ela, afastando-se de Dave. Trancou a porta do quarto de banho e passou a meia hora seguinte no chuveiro, a tentar livrar-se da sujidade, do cheiro e da vergonha.

Foi ter com eles à cozinha, usando uma camisola cinzenta largueirona e um boné de basebol dos Mets que lhe escondia metade do rosto.

— Fizemos chocolate quente — disse Dave.

— Queres *marshmallows*? — perguntou Gideon, com um pacote de miniaturas *Jet-Puffed* nas mãos.

— Esta noite não estou muito virada para *marshmallows* — disse Meredith, despejando metade do chocolate quente no lava-louças. Tirou do armário da cozinha uma garrafa de uísque irlandês *Jameson* e encheu o copo até cima.

— A sério, nada de polícia — disse ela. — E nem penses em contar à mãe.

Dave abanou lentamente a cabeça.

— Não sei, Mer, não achas que a mãe devia...

— Não! — gritou Meredith. — Não, não e não! — As lágrimas começaram de novo a jorrar e limpou o rosto na manga. — Ele disse que se lhe contasse... — Bebeu mais chocolate para ganhar ânimo. — Ele disse que se lhe contasse... a seguir seria ela.

Duas goladas de *Jameson* depois, Meredith estava pronta para se deitar.

— Obrigada — disse. — Não sei o que teria feito sem vocês. — Abraçou-os a ambos e beijou-os suavemente na face. Um beijo de irmão mais novo. Nem por sombras aquele com que Gideon sonhava há anos.

— Só mais um favor — disse ela, atirando as suas roupas para o chão. — Queimem isto.

As calças de ganga elásticas arderam lentamente.

— Quem me dera que os tomates do Enzo Salvi estivessem ali — comentou Dave, terminando a sua terceira cerveja enquanto as chamas trepavam pelo fundilho de ganga.

Durante mais de um ano, a questão Hitler foi o argumento preferido de Gideon. «Achas que o Hitler foi um tipo porreiro no liceu?», perguntava constantemente a Dave. «Não... era um sacana e um louco dos diabos», acabaria este por dizer, sem esperar uma resposta, «e foi ficando cada vez pior. Não achas que o mundo seria

um lugar melhor se alguém tivesse dado cabo do Hitler quando ele era novo? É que Howard Beach seria de certeza um lugar melhor se alguém matasse o Enzo Salvi.»

A resposta de Dave era invariavelmente «és louco». Porém, nesta noite, enquanto via as roupas da irmã a reduzirem-se a cinzas, aquilo já não lhe soava tão mal.

— A culpa é minha — disse Dave num tom quase incompreensível. — Estou a dever três pagamentos.

— Tretas — ripostou Gideon. — Ninguém viola a irmã de um tipo por causa de 60 dólares. O Enzo Salvi é um psicopata.

Dave fez saltar a carga de mais uma *Bud Light* e finalmente fez a pergunta que Gideon tanto aguardava.

— E como é que o faríamos?

DOIS

Na tarde seguinte, Gideon foi à loja de banda desenhada e vendeu a sua coleção do *Spawn* a um preço dolorosamente baixo.

— Obrigado — disse Gideon, sabendo não ter outra forma de pagar a Enzo o que devia.

— Matar este cretino é caro — comentou Gideon. — Mas vale a pena.

Nas três semanas seguintes, os dois rapazes pensaram e repensaram no crime, vendo episódios do CSI e alugando o maior número de filmes que puderam com Jet Li, Jackie Chan e Jean-Claude Van Damme. Foram correr na praia, levantaram pesos e tentaram ganhar corpo com o programa de nutrição Mega Mass 4000, de Joe Weider.

— O Enzo toma esteroides desde que é caloiro — disse Dave enquanto os dois deitavam abaixo um dos seus três batidos diários de proteínas.

— Isso quer dizer que os tomates dele estão a encolher — comentou Gideon.

— Não, quer dizer que podemos passar a vida a beber esta treta de chocolate e ele continua a ter o dobro dos músculos de nós os dois juntos.

Gideon levantou o copo para um brinde.

— O que é que isso interessa? — disse. — Os nossos tomates continuam a ser maiores.

Nada lhes pareceu efetivamente real até se decidirem por uma arma. Elaboraram uma lista de possibilidades com os prós e os contras de cada uma. Uma arma de fogo reunia a maioria

dos prós. Tinha resultados praticamente garantidos. No entanto, era a que reunia mais contras. As armas de fogo eram difíceis de arranjar e fáceis de se lhes seguir o rasto. No fim, acabaram por se decidir pela arma mais velha do mundo e a mais fácil de obter. Uma moça.

— Resultou com os homens das cavernas — disse Dave.

Apanharam o metro até à Royale Sporting Goods em Brooklyn e pagaram 62 dólares por um taco de basebol *Brett Bros* de 85 centímetros. Um modelo *Stealth* preto. A seguir, dirigiram-se à AutoZone para comprar uma caixa de luvas de látex *Diamond Grip*.

E depois esperaram.

Tinha de ser uma sexta-feira à noite. A maioria dos rapazes da secundária John Adams pagava a Enzo em dinheiro, mas Gideon trabalhava no armazém da Tonello's Liquor Store e coube-lhe roubar uma garrafa de vodca todas as semanas. Todas as sextas-feiras, depois do trabalho, ia até às dunas em frente à casa dos Salvis na 165th Avenue e entregava a bebida a Enzo.

Apontaram para o dia a seguir ao de Ação de Graças. Não havia escola e, se tivessem sorte, Enzo estaria bêbedo quando aparecessem.

Como sempre acontecia nesta altura do ano, as dunas estavam encharcadas e frias, mas Gideon vestiu-se a preceito: equipamento *Carhartt* à prova de água, barrete de esqui, *Timberlands*. Enzo, como de costume, não apareceu a tempo. Cinco minutos. Dez. Aos 15, começaram as charadas. *Ele sabe. Ele não vem. Vai-me deixar gelar aqui fora e, quando eu finalmente desistir, vai matar...*

— Onde é que está esse maricas com a minha vodca? — gritou Enzo, caminhando pesadamente sobre a erva alta. A lua estava em quarto-crescente, e Gideon conseguiu distinguir uma sombra na bruma com o pescoço, ombros e peito largos de um consumidor exagerado de esteroides.

— Oi — disse Gideon.

— O que raio estás aí a fazer enfiado nas dunas? — quis saber Enzo. — Não estou aqui por um broche. Só por uma bebida.

Gideon levantou a garrafa de *Absolut*.

— Está aqui.

Era esse o sinal, e a seguir era suposto acontecer algo que copiaram de uma cena do filme *O Clã dos Grandes Lutadores*. Dave, que se agachara na relva húmida, saltou atrás de Enzo e bateu com força com o taco de ácer e freixo.

No entanto, a vida real não é igual aos filmes de *kung fu*, especialmente quando a vítima tem a sabedoria das ruas própria de um filho de um patrão da Máfia e o atacante — que treinara intensamente os golpes — vacila no momento da verdade.

Apontando à nuca de Enzo, Dave apenas lhe conseguiu atingir o ombro direito.

Enzo explodiu. Num movimento ultrarrápido, rodopiou e deu um pontapé no braço de Dave, enviando o taco pelo ar. Uma fração de segundo depois, Enzo sacou de uma faca *Smith & Wesson Extreme* que tinha no bolso, abriu-a, lançou-se a Dave e atirou-o ao chão.

— Seu cretino cara de cu. Vou cortar o filho da puta do teu coração e enfiá-lo pelo cu acima da vaca da tua irmã. — Escarranchou-se em cima de Dave, puxou-lhe o braço para trás e estava prestes a cravar-lhe a lâmina serrada no peito quando Gideon deu com a garrafa de vodca na cabeça de Enzo.

A faca caiu-lhe da mão, e o resto do corpo de Enzo estatelou-se de cara na areia.

— Desculpa. Desculpa — disse Dave, chorando pela primeira vez desde o funeral do pai quando tinha 12 anos. — Estraguei tudo. Obrigado, Gid, obrigado. Ele ia matar-me. Morreu? Morreu?

A resposta revelou-se óbvia quando Enzo se agitou na relva, a praguejar de modo incoerente, cuspido areia e saliva, cérebro e coordenação desengonçados.

O plano não era este.

— O que vamos fazer? O que vamos fazer? — perguntou Dave.

— Pega-lhe pelo outro lado — gritou Gideon, puxando com força pelo já magoado braço direito de Enzo.

— O que estamos a fazer? — perguntou Dave. — Para onde vamos levá-lo?

— Cala-te e faz o que eu digo.

Dave agarrou o braço esquerdo, e Enzo uivou de dor quando os dois rapazes o arrastaram pelas dunas até à borda de água.

Depois de avançar a custo pela baía dentro com a água pelas coxas, Gideon enfiou a cabeça de Enzo debaixo de água. Este agitou freneticamente os pés.

— Agarra-lhe as pernas! Não deixes que esperneie! — berrou Gideon.

Dave debateu-se para segurar os pés de Enzo.

— Segura-os o melhor que puderes — indicou Gideon. — Vai obrigá-lo a ficar mais tempo com a cabeça em baixo.

Dave obedeceu às ordens, e 30 segundos depois o corpo de Enzo ficou inerte.

— Não podemos arriscar — alertou Gideon. — Dá a volta e vem até aqui.

Dave largou as pernas, e ambos mantiveram Enzo com a cara virada para a água.

— Isto é pela minha irmã, seu anormal de merda! — berrou Dave, socando através da água o crânio flácido de Enzo. — E isto é por todo o dinheiro que me levaste, e isto por todos os anos em que me bateste, e isto por todas as vezes em que atiraste os meus livros e as minhas merdas à baía, e isto...

Proseguiu com aquele discurso enquanto ia dando com o punho na água.

— Já chega — acabou por dizer Gideon.

— Está morto? — perguntou Dave, socando por uma derradeira vez o corpo submerso e ensanguentado.

— Já há uns dois minutos que está morto.

— Matámos... o... Hitler — disse Dave, a arquejar, a chorar e a rir em simultâneo. — Matámos... o... Hitler...

Arrastaram o corpo ensoado para a margem e retomaram o plano original. Gideon arrancou as correntes de ouro do pescoço de Enzo, tirou-lhe o relógio e o dinheiro da carteira.

Dave cuspiu na cara de Enzo.

— Vamos pirar-nos daqui — disse, pronto a sair dali disparado.

— Calma aí — disse Gideon. — O livro de registos... os nossos nomes estão lá.

Enzo Salvi registava detalhadamente a sua carreira criminal em ascensão no lugar mais improvável: um diário de marroquim vermelho-escuro, com rebordos em filigrana dourada e um fecho de íman para proteger as folhas.

Gideon retirou o diário tamanho A6 do bolso do casaco de Enzo. Levaram mais uns dez minutos a encontrar o taco de basebol, a faca e a garrafa *Absolut*, que, incrivelmente, se mantinha intacta.

— Apodrece no inferno — disse Dave, cuspiendo uma última vez no cadáver de Enzo.

Não havia ninguém à vista quando saíram das dunas em direção à 165th Avenue. Avançaram em silêncio na noite fria de novembro, atravessando a colmeia de lares de classe média e sacudindo vodca da arma do crime pelo caminho.

TRÊS

Era o sonho de qualquer florista. Um funeral da Máfia. Por ironia do destino, os pais de Gideon eram os donos da loja de flores local e foram os grandes beneficiados da efusão de condolências de amigos, familiares e sócios da família Salvi.

— É como se os meus pais tivessem encontrado um bilhete de lotaria premiado no bolso — disse Gideon a Dave — e nem imaginam que fui eu que o pus lá.

Os dois rapazes, juntamente com Meredith, passaram solenemente diante da fila dos 30 carros com flores e subiram a escadaria de St. Agnes. Em frente estava estacionado um carro fúnebre branco, e logo atrás uma caravana de limusinas pretas que se estendia ao longo de três quarteirões. Carrinhas da comunicação social encheram o outro lado da rua e um grupo de fotógrafos frenéticos encostou-se às barragens da polícia, ávidos de obterem a imagem que faria a capa do *Daily News* do dia seguinte.

E polícias. Polícias por todo o lado. Polícias de giro, sargentos e oficiais de alta patente, até ao subchefe. O FBI também marcou presença, filmando todos os movimentos, todos os pormenores, todos os rostos. Que se lixassem a dor e o luto. Não há como um funeral da Máfia para encher os arquivos do FBI com imagens valiosas de «associados conhecidos».

Gideon, Dave e Meredith foram encaminhados para um banco da igreja, e ela ajoelhou-se de pronto para rezar.

— Como é que podes rezar por ele? — sussurrou Gideon assim que ela se sentou.

— Não o fiz. Rezei por perdão.

— Perdão para quê? — quis saber Gideon.

— Andei a rezar à Mãe Santíssima para que o castigasse, e agora sinto-me culpada.

Gideon desejou poder contar-lhe a verdade.

— Não fiques com os créditos todos para ti — disse. — Havia muita gente a rezar para que o Enzo morresse.

Pelas 11 da manhã, não havia um lugar vago na igreja. Abriu-se uma porta lateral e a multidão ergueu-se. O padre Spinelli conduziu a família para a capela. Primeiro, Teresa, a mãe de Enzo, com um elegante vestido negro de seda feito à medida e uma simples cruz de ouro pendurada ao pescoço. Em vez de um véu, o seu rosto pálido estava ocultado atrás de uns enormes óculos escuros. Jojo, o filho que lhe restara, acompanhou-a até ao banco da frente.

Meredith apertou a mão do irmão, sabendo o que se seguiria. Joe Salvi, a cara chapada do filho mas com cabelo grisalho, entrou de braço dado com a sua mãe de 85 anos, Annunziata, que envergava o vestido preto de luto que usava há décadas, desde a morte do marido. Deixou escapar um gemido quando pousou os olhos no caixão.

O padre deu início à cerimónia.

— Há mais de 80 anos que a família Salvi faz de Howard Beach o seu lar.

O seu lar, não, quis Gideon gritar. O seu território.

— E é visível pela emoção evidente desta comunidade...

Só aqui estão porque têm demasiado medo para se manterem à parte, ou para apreciarem o sofrimento da família.

— ... que a generosidade de Joe e Teresa Salvi é lendária. Cabazes de comida para os pobres no Dia de Ação de Graças, brinquedos para as crianças no Natal...

Uma adega cheia de garrafas de vinho para a reitoria.

— ... e, ainda no mês passado, a festa anual na praia de Dia das Bruxas. Este ano foi particularmente significativa, dado que se tratou da primeira vez que muitos de vocês se permitiram a divertir-se desde que as torres caíram em setembro.

O Enzo divertiu-se. A Meredith não.

— ... Sei que o Departamento de Polícia de Nova Iorque está a trabalhar arduamente para trazer a pessoa ou as pessoas que interromperam a curta vida de Enzo à Justiça e...

Inesperadamente, Annunziata Salvi levantou-se do seu lugar e avançou a cambalear na direção do caixão.

— *No polizia. La famiglia fornirà giustizia. La famiglia fornirà giustizia!* — gritou, lançando-se sobre a urna do neto.

Era o velho teatro fúnebre e Joe Salvi permitiu que a mãe se pranteasse até cair de joelhos, a soluçar. Finalmente, foi ter com ela, ajudou-a a regressar ao seu lugar e enfrentou a multidão.

Mil e duzentas pessoas sustiveram a respiração enquanto o chefe da Máfia passou o olhar pelo espaço, a transmitir a todos, sem exceção, a mensagem de que a família, apesar da perda, nem por isso estava mais debilitada.

Gideon e Dave, com os corações aos saltos e lábios cerrados, atreveram-se a devolver o olhar. Sabiam aquilo que Joe Salvi procurava. Eles. E o seu olhar deixou bem claro que iria continuar a procurar enquanto fosse vivo. *La famiglia fornirà giustizia*, anunciou a anciã.

A família fará justiça pelas próprias mãos.

PARTE UM

O ASSASSINO HAZMAT

CAPÍTULO 1

Os dois sem-abrigo estavam sentados nas pedras da calçada em frente ao memorial da Primeira Guerra Mundial no cruzamento da Fifth Avenue com a 67th Street. Assim que me viram a dirigir-me a eles, levantaram-se.

— Zach Jordan, NYPD Red — apresentei-me.

— Temos uma mulher morta nos cavalinhos — disse um deles.

— Carrossel — corrigiu o outro.

Tinha o cabelo eriçado, o rosto por barbear estava todo sujo, e as roupas andrajosas cheiravam a mijo com alguns dias. O mau cheiro entrou-me pelas narinas, e desviei a cabeça.

— Estou assim tão mal? — perguntou ele, recuando. — Já nem sinto o cheiro. Sou o detetive Bell. Este é o meu parceiro, o detetive Casey. Somos agentes da brigada Anticrime. Um gangue de miúdos anda a espancar sem-abrigo só por desporto, e estamos a trabalhar nesta investigação infiltrados. Desculpe o cheiro, mas temos de cheirar tão mal quanto parecemos.

— Missão cumprida — disse eu. — Façam-me uma descrição da vítima.

— Branca, meia-idade, e, tendo em conta que está vestida dos pés à cabeça num daqueles macacões *Tyvek*, parece que é mais uma vítima do Assassino Hazmat¹.

Não era aquilo que eu queria ouvir.

¹ Hazmat é um equipamento impermeável destinado a proteger o corpo de materiais perigosos, expressão que em inglês é *hazardous materials*. Da conjugação destas duas palavras resulta «Hazmat». [N. do T.]

— Identificação?

— Não nos conseguimos aproximar dela. O carrossel está inacessível. Ela está lá dentro. Nunca a teríamos encontrado, mas ouvimos a música e não conseguimos descobrir por que razão estava a tocar às seis e meia da manhã.

— Levem-me lá — instruí.

O carrossel ficava em pleno Central Park, a poucas centenas de metros da Fifth, e, a não ser que aparecesse um vigilante do parque num carrinho de golfe, a maneira mais rápida de lá chegar era a pé.

— A relva está muito húmida — disse o Bell, realçando o óbvio. — Pensei que a NYPD Red só era chamada para casos de celebridades e figurões.

— Uma dessas figuronas desapareceu na sexta-feira à noite, e eu e a minha parceira temos andado à procura dela. Assim que vocês reportaram um aparente homicídio, fui pescado. Nós trabalhamos fora da 19.^a, por isso só demorei uns minutos a chegar aqui. Se não for a nossa desaparecida em combate, salto fora e vem cá outra equipa buscá-la.

— Eu e o Casey oferecemo-nos — disse o Bell. — Limpamo-nos bem e, se nos pressionar, até nos transferimos para a Red. É tão fixe como dizem?

Se é fixe? É fixe jogar a shortstop² nos New York Yankees? Para um polícia, a NYPD Red é um emprego de sonho.

Há oito milhões de pessoas na cidade de Nova Iorque. A missão do departamento é proteger e servir todas elas. Porém, algumas usufruem de uma proteção e de um serviço melhor do que outras. Pode não soar lá muito democrático, mas gerir uma cidade é como gerir um negócio: satisfaz-se os melhores clientes. No nosso caso, isso implica os que geram receitas e atraem turistas. Resumindo, os ricos e famosos. Se algum deles for vítima de um crime, recebe todas as atenções. E, acreditem em mim, essas pessoas estão habituadas a receber muitas atenções. São as estrelas de *rock* do mundo

² Posição no futebol americano entre a segunda e a terceira bases, considerada a posição defensiva mais dinâmica do jogo. [N. do T.]

das finanças, da moda e da edição e, em alguns casos, são mesmo estrelas de *rock* no mundo do *rock*.

Respondi à pergunta do Bell.

— Excetuando a parte em que arruíno um par de sapatos ao enfiar os pés na relva molhada, posso dizer que é bem fixe!

— Onde é que está a sua parceira? — perguntou Bell.

Eu não fazia ideia.

— A caminho — menti.

Estávamos a atravessar Center Drive quando ouvi o assobio desafinado de uma calíope.

— É ainda mais irritante quando nos aproximamos — avisou o Bell.

O mais que nos conseguimos aproximar foi a uns 6 metros. Fomos travados por um portão de bronze em fole com 3,5 metros de altura. Atrás ficava um carrossel clássico que atraía todos os anos ao parque centenas de milhares de pais e respetivas crianças. Ainda faltavam umas horas para o parque abrir, mas o carrossel estava a girar, com os cavalos a subir e a descer, e a música de circo a retinir.

— Não se pode entrar — disse o Casey. — Está trancado.

— Como é que ela entrou? — interroguei.

— Quem quer que a tenha deixado ali, partiu o cadeado — explicou. — Depois trocou-o por um *U-Lock* de bicicleta da *Kryptonite*. É lixado de abrir.

— Claramente não queria ninguém por aqui a passear que estragasse esta bela encenação — salientei.

— Também nos pareceu — disse ele. — Seja como for, o Serviço de Urgência vai enviar alguém para o cortar.

— Só depois de os peritos forenses tratarem das impressões digitais — alertei. — Duvido que encontremos algo, mas não quero que seja contaminado por algum *cowboy* com uma rebarbadora.

— Detetive Jordan... — Era o Bell. — Daqui tem uma boa perspetiva do corpo.

Dirigi-me até ao local onde ele estava e espreitei por uma abertura no portão.

— Aí vem ela — anunciou o Bell, como se fosse possível eu deixar escapar uma mulher morta com um macacão *Tyvek* branco atada a um cavalo vermelho, azul, verde e amarelo.

— Raios — exclamei, quando passou à nossa frente.

— É a sua figurona desaparecida? — quis saber o Bell.

— É. Chama-se Evelyn Parker-Steele.

Ambos olharam para mim com ar de quem nunca tinha ouvido falar dela.

— O pai dela é o Leonard Parker — expliquei. — É dono de umas mil salas de cinema por todo o país. O irmão dela é o Damon Parker...

— O gajo do telejornal? — perguntou o Casey.

— A biografia dele diz que é um jornalista televisivo de renome mundial — disse eu —, mas não há crise... posso aceitar o gajo do telejornal. E o marido dela é o Jason Steele III, dos hotéis e casinos Steele.

— Que grande merda — disse o Casey ao Bell. — Tropeçámos na primeira-dama das gajas ricas.

— Ela é muito mais do que isso. É uma assessora política muito bem paga que dirige atualmente a campanha da Muriel Sykes, a mulher que concorre a presidente da câmara contra o nosso adorado presidente Spellman.

— Rica, famosa e com boas ligações — comentou o Bell. — Não há volta a dar, é um caso para a Red. Acho que é melhor pormo-nos a andar daqui antes que estraguemos o nosso disfarce. Boa sorte, detetive.

— Esperem lá — disse eu. — A minha colega está atrasada, e dava-me jeito a vossa ajuda a sondar a multidão.

O Casey olhou instintivamente por cima do ombro para o parque deserto.

— Ainda não estão cá — referi —, mas vão aparecer. Os meios de comunicação, os mirones, as pessoas cheias de pressa para ir para o trabalho mas que arranjam sempre tempo para ficar a olhar para um acidente de comboio e, se tivermos sorte, o assassino. Às vezes, gostam de regressar para ver como reagimos ao trabalho deles. Importam-se de me dar uma ajuda?

Os dois policiais entreolharam-se e sorriram abertamente, como um par de miúdos que acabaram de descobrir que não havia escola devido a um nevão.

— Se nos importamos de ajudar a Red num caso importante de homicídio? — questionou o Bell. — Está a falar a sério? O que quer que façamos?

— Vistam umas roupas lavadas, livrem-se desse cheiro e depois deem por aí umas voltas de olhos e ouvidos bem abertos.

— Em dez minutos estamos lavados — garantiu o Bell, e partiram.

A música da calíope estava a pôr-me os nervos em franja, e afastei-me do carrossel para me poder ouvir a pensar. Depois liguei à minha colega, a Kylie MacDonald. Pela terceira vez naquela manhã foi diretamente para o *voice mail*.

— Raios. Kylie — resmunguei. — São 6.47 da manhã de segunda-feira. Já estou há 17 minutos numa péssima semana e, se não te tenho dito isto ultimamente, é contigo, e com mais ninguém, que eu gostaria de passar uma má semana.

CAPÍTULO 2

Recebi por fim uma mensagem de texto da Kylie: «ESTOU ATRASADA. MAL POSSA APAREÇO.»

Não foi suficientemente rápido, porque ela ainda constava da lista de desaparecidos quando o Chuck Dryden, o nosso investigador especializado em locais de crime, me fez saber que estava pronto para me dar as suas primeiras impressões.

Chamavam-lhe Curto e Grosso³, pois não era dado a conversas fúteis, mas era o perito mais metucioso, diligente e com capacidade de retenção de dados que eu conhecia, pelo que fiquei satisfeito por tê-lo comigo no caso.

— A causa da morte parece ter sido asfixia, e a hora da morte entre a uma e as três da manhã — indicou, anunciando as suas descobertas sem quaisquer tipo de preliminares. — Há provas de que a boca da vítima foi tapada com fita adesiva, e as marcas nos pulsos indicam que foi algemada ou presa de qualquer outra forma.

— Fala-me do macacão — pedi.

O Dryden fitou-me através dos seus óculos sem aros, uma leve reprimenda para me fazer saber que eu partira em falso, pois ele ainda não estava a postos para uma sessão de perguntas e respostas. Aclarou a garganta e prosseguiu.

— O interior da boca da vítima está lacerado, com escoriações na língua e no céu da boca, alguns dos dentes foram recentemente lascados ou partidos, tem cortes recentes nos lábios e o queixo foi

³ No original «*Cut and Dryden*», um jogo de palavras em inglês com as palavras *cut* e *dry*, «curto» e «seco». [N. do T.]

deslocado. Dá ideia de ter sido torturada ao longo de vários dias antes de morrer. Tudo indica que a morte terá ocorrido noutra local e que depois foi transportada para aqui. — Fez uma pausa. — Agora sim, inspetor, tens alguma pergunta?

— Sim. Adoro o vestidinho branco que ela veste. De que estilista é?

— Fato-macaco *Tyvek* — respondeu, sem esboçar sequer um sorriso. — Confeccionado pela DuPont.

— Então, trata-se do Assassino Hazmat — concluí.

Dryden revirou os olhos. Um tipo diferente de reprimenda.

— Que nome pavoroso para atribuir a um assassino deste calibre — comentou.

— Não atires as culpas para cima de mim — defendi-me. — É o que lhe chamam os tabloides.

— Jornalismo sem ponta de imaginação — disse ele, sacudindo a cabeça. — Esta é a quarta vítima. Todas raptadas, todas vestidas do mesmo modo, e todas com este curioso padrão de ferimentos no rosto. Um poucas horas depois da descoberta do corpo, um vídeo onde a vítima confessa a autoria de um crime hediondo torna-se viral na Internet... e o melhor que a imprensa de Nova Iorque consegue sacar é o Assassino Hazmat?

Encolhi os ombros.

— É bastante descritivo.

— E altamente impreciso — disse ele. — Tecnicamente, nem sequer é um fato Hazmat. É um fato-macaco de 200 dólares *Tyvek*. O que é mais intrigante é que, nos três casos anteriores, os corpos tinham sido esfregados com amónia, o que tornou quase impossível processar qualquer ADN do assassino, além de o *Tyvek* evitar que fiquem na vítima outros vestígios detetáveis. No laboratório criminal chamamos-lhe Sanitarista.

Estampou-se no rosto dele um sorriso rasgado de satisfação, e não duvidei de que fosse ele o autor de uma designação tão apelativa.

— Então trabalhaste nos três primeiros casos? — perguntei.

Dryden assentiu com a cabeça. — Os detetives responsáveis são o Donovan e o Boyle, da 5.^a.

— Da 5.^a? — repeti. — Chinatown?

— A primeira vítima pertencia a um gangue asiático — explicou. — O segundo apareceu na área da 14.^a, e o terceiro — um traficante de droga — foi despejado no Harlem, mas o Donovan e o Boyle apanharam o *numero uno*, e ficaram com o caso. Mas imagino que a dona Parker-Steele, com a sua linhagem de sangue azul, siga direitinha para o topo da cadeia alimentar dos homicídios, sendo entregue à unidade Red.

— O sangue dela pode ser azul — disse eu —, mas o irmão dela é famoso, o marido é bilionário e o pai é zilionário, pelo que a cor aqui é o verde. A dona Parker-Steele vai, sem dúvida, receber na morte o serviço de cinco estrelas a que estava habituada em vida.

— Assim sendo, vou trabalhar contigo e com a tua parceira... — Fez uma pausa para tentar recordar-se do nome.

Estava a armar-se. O cérebro do Chuck Dryden funcionava como um *microchip* topo de gama. Quando examinava um corpo, processava todos os pormenores. E, quando o corpo é acompanhado pelos cintilantes olhos verdes, o cabelo louro esvoaçante e o sorriso de derreter corações da Kylie, fica para sempre gravado no seu banco de memória altamente desenvolvido. Sabia o nome dela e, tal como a maioria dos tipos que conhecia a Kylie, por certo atribuía-lhe um papel de protagonista nas suas fantasias. Aconteceu-me o mesmo há 11 anos só que, no meu caso, eu e a Kylie ultrapassámos o plano da fantasia.

Muito para lá disso.

Agora ela é a Sra. Spence Harrington, mulher de um bem-sucedido produtor de televisão com uma série policial de sucesso aqui em Nova Iorque. O Spence é bom tipo e damo-nos bem, mas fica todo incomodado por eu passar 14 horas por dia a perseguir os mauzões com a Kylie, enquanto ele fica com o turno da noite.

— Ela chama-se Kylie MacDonald — disse, alinhando na pequena farsa do Dryden.

— Certo — disse ele. — Então isto provavelmente vai cair-lhe no colo. Quero dizer, no dela e no teu.

No colo dela? Em que é que estás a pensar, Chuck?

— Sim — respondi. — Tenho a certeza de que eu e a detetive MacDonald vamos ser destacados para perseguir este maníaco.

Isto, partindo do princípio de que a detetive MacDonald vai aparecer para trabalhar.

CAPÍTULO 3

— Tragam-na para baixo — ordenou o Dryden assim que a sua equipa acabou de tirar umas centenas de fotografias da Evelyn Parker-Steele *in situ*. Por muito macabro que fosse, imaginei que as luzes cintilantes e brilhantes dos cavalos coloridos iriam tornar as fotos do local do crime mais festivas do que a maioria.

Baixaram o corpo para uma lona junto à base do carrossel, e ajoelhei-me ao pé dela para ver de perto.

— Parece que encontraste a tua desaparecida — disse uma voz familiar.

— Referes-te a ela ou a ti? — disse eu, demasiado chateado com a Kylie para olhar para cima.

A Kylie MacDonald não era muito boa a pedir desculpas. Isso porque, na sua maneira de ver as coisas, nunca errava.

— Ei, vim o mais depressa que pude — disse, esticando a palavra para que soasse mais a «deixa-me em paz» do que a «desculpa».

Agora é que eu não ia olhar para cima.

— Por acaso recebeste uma mensagem que dizia que tínhamos um homicídio para resolver? — perguntei, olhando fixamente para o corpo.

— Sim, acho que me enviaste essa umas 27 vezes.

— Então o teu telefone não está avariado — comentei. — Portanto, o problema deve ser com o teu dedo que marca o número.

— Zack, há uns cem mirones a olhar para nós do outro lado da fita amarela. Achas mesmo que é a melhor altura para eu explicar o meu atraso? E que tal pores-me ao corrente do que perdi?

— Uma pequena atualização à mensagem «temos um homicídio para resolver». Agora, temos quatro.

Ajoelhou-se ao meu lado.

— Esta é a falecida Evelyn Parker-Steele — expliquei. — Evelyn, esta é a minha parceira, a adormecida Kylie MacDonald.

Olhei por cima do ombro para poder observar a reação dela. Era quase impossível a Kylie não parecer bonita, mas hoje de manhã estava com um aspeto horrível. O olhar travesso e o atraente sorriso de espertinha: ambos tinham desaparecido, substituídos por pálpebras inchadas e por um olhar carrancudo. Toda a habitual magia que atraía os olhares estava agora envolta numa capa sombria. O que quer que a tenha atrasado, não foi nada de agradável.

Senti-me mal por ter sido tão duro com ela.

— Desculpa, fiquei irritado — expliquei. E assim, sem mais nem menos, estava eu a desculpar-me. — Estás bem?

— Melhor do que ela — respondeu, examinando os dentes partidos e o queixo deslocado da vítima. — Isto é horrível. Ela estava viva quando lhe fizeram isto. Estavas a falar a sério quando te referiste a quatro homicídios? Onde é que estão os outros três?

— Mortos e enterrados — expliquei. — As vítimas anteriores do Assassino Hazmat.

Kylie já tinha calçado as luvas de látex e tocou no fato *Tyvek*.

— Qualquer pessoa pode comprar um destes fatos Hazmat. Como é que sabemos que não é um imitador?

— O Chuck Dryden analisou os outros e diz que os indícios apontam para que se trate do número 4.

— Provavelmente terá razão. O carrossel também encaixa no padrão. Quando o Hazmat larga as suas vítimas, gosta de escolher um local que deixe uma mensagem. É o seu pequeno toque de justiça poética.

— Então, qual é a metáfora aqui? A vida da Parker-Steele era um carrossel?

Ela abanou a cabeça.

— Cavalos. A Evelyn cresceu no meio deles. Provas de saltos, *dressage*, essas merdas equestres das meninas ricas. Ela e o marido têm uma grande quinta com cavalos no condado de Westchester.

— Então talvez ele esteja a apenas a dizer «vai-te lixar mais os cavalos que montas».

— Vamos procurá-lo e perguntar-lhe. Não há dúvidas de que o caso é nosso. Se alguém se encaixa no perfil Red, é ela. Achas que a Cates nos vai pedir que investiguemos os outros três?

— Haverá qualquer outra razão para ela nos ligar e dizer que o presidente da câmara se quer encontrar connosco na mansão Gracie?

— O presidente mandou chamar-nos? — perguntou a Kylie, sorrindo pela primeira vez desde que aparecera. — Quando é que nos reunimos com ele?

Olhei para o meu relógio.

— Há 20 minutos, mas acho que ele compreende. Está sempre a deixar as pessoas à espera.

— Raios — disse ela. — Porque é que não foste sem mim?

— A Cates está lá — revelei. — Se chegarmos ambos atrasados, podemos dizer que nos demorámos no local do crime e ela deixa passar. Se eu aparecesse sozinho e dissesse que a minha parceira estava desaparecida em ação, ela iria descobrir uma nova equipa num abrir e fechar de olhos.

— Obrigada — resmoneou ela.

Conhecendo a Kylie, iria ser o que eu obteria de mais parecido com uma desculpa.

NYPD Red

Existem 35 mil polícias em Nova Iorque.
Apenas 75 pertencem à unidade especial
que protege os mais ricos e poderosos.

A NYPD Red enfrenta agora o seu inimigo mais perigoso de sempre.

Há um *serial killer* à solta em Nova Iorque, perseguindo e assassinando criminosos que conseguiram escapar à Justiça. À medida que o número de vítimas deste justiceiro por conta própria aumenta, cada vez mais nova-iorquinos o apoiam.

O detetive Zach Jordan e a sua parceira Kylie MacDonald são destacados para o caso quando mais uma pessoa, uma mulher ligada à campanha eleitoral de um dos candidatos à Câmara de Nova Iorque, é assassinada. Zach e Kylie têm de descobrir quais são as verdadeiras motivações deste assassino, uma vez que por detrás deste último crime se escondem segredos da ordem da vida pública e privada. No entanto, Kylie tem agido de forma estranha, e Zach teme que o que quer que se esteja a passar com a sua parceira possa pôr em risco o maior caso das suas carreiras.

«James Patterson é absolutamente genial e bom em tudo o que faz.
Sempre que pego num dos livros dele, não consigo pousá-lo até o acabar.»

Larry King, *USA Today*

Mais títulos sensacionais de James Patterson,
o autor n.º 1 em todo o mundo:



Ficção/Policial



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

ISBN 978-989-8626-35-6



9 789898 626356

www.topseller.pt